

International Colloquium of Convergencia, New York  
 Borders: Psychoanalysis and Displacement, June 2021

## Des-bordes

*Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)*  
*Escuela Freudiana de Montevideo*  
*Mayeútica Institución Psicoanalítica*  
*Seminario Freudiano Bahía Blanca Escuela de Psicoanálisis*  
*Trieb Institución Psicoanalítica*

Nestes tempos de um "real desenfreado", com os efeitos dessubjetivantes que carrega, nossa aposta segue sendo com uma clínica do sujeito, uma clínica que sustenta que não há posição desejanse senão em sua articulação à castração. A castração é uma função de borda, sem castração deslizamos para os des-bordes.

O Real irrompe e rompe o tecido social, desfiando-o. Isso choca as referências e legalidades sob as quais sustentávamos nossos laços. Essa insuficiência de enlace simbólico carrega não apenas uma proliferação do imaginário, mas também nos confronta com uma fuga de sentido que reanima de forma traumática nosso desamparo inicial como seres falantes.

Lacan recorre ao conceito de extimidade para situar o conceito freudiano de um Outro inesquecível –*das Ding*– ao qual tentamos voltar repetidas vezes e que marcará no sujeito sua relação com o gozo. Um gozo articulado à palavra e à linguagem como ser falante e que se joga e tenta recuperar ao nível do próximo.

O que acontece, neste cenário atual, com nossos laços fraternos? O próximo tem um nível de extimidade, de alteridade, de alienação no igual. Somos diferentes, essa é nossa única igualdade. O sujeito toma consciência de si mesmo na relação com o próximo, relação tão necessária quanto insuportável, fazendo presente o intolerável, onde ele gostaria de encontrar seu reflexo. Desse modo, o imaginário se espalha sobre o real; e no amor encontramos uma porção de hostilidade comandada pelo ódio. O próximo é motivo de rejeição na medida em que se imaginariza o gozo do Outro no outro. O momento em que o próximo deixa de ser enquanto tal, e passa a ser estrangeiro, hostil.

Em seu artigo *O Estranho*, de 1919, Freud tenta se aproximar do *Unheimlich* para localizar aquele núcleo sinistro ou nefasto dentro do angustiante; publicou esse texto no final da Primeira Guerra Mundial e antes de seu *Além do Princípio do Prazer*. Lá ele define *Un-heimlich* como *aquilo que provoca angústia e horror, colocando-o no familiar*.

**Surge sua grande questão: como é possível que o familiar se torne assustador? Como dizer em uma análise sobre esse efeito sinistro?**

Lacan, em seu seminário *A Angústia*, na aula de 5 de dezembro de 1962, encontrou no conceito de Freud do sinistro (*Unheimlich*) a chave para definir o próprio conceito de angústia. “É o que está no lugar do *Heim* (casa) que é *Unheim* (sinistro). [...] humana, é

o da casa do homem [...] O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos. Esse lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revele tal como é –ou seja, que revele ser a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência-, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que esta traz de estranheza radical. Para empregar termos que adquirem significação por se opor aos termos hegelianos, ele nos faz aparecer como objeto, por nos revelar a não autonomia do sujeito.”<sup>1</sup>

O *Unheimlich*, nas palavras de Lacan, é apresentado pelas janelas; enquadra-se como se situa o campo da angústia, tem uma borda: “a moldura está aí mas a angústia é outra coisa... a angústia é este corte, é esse corte que se abre e deixa aparecer o inesperado”<sup>2</sup>

A angústia favorece um corte, e na análise pode surgir uma interrogação que relance o sujeito, localizando o "a" como causa de desejo. A partir de Lacan, não será a mesma coisa viver atormentados, do que fazer dessa angústia uma ocasião para localizar o que a desperta e subjetivar algo do objeto.

Se a política da psicanálise é a política do inconsciente, do sintoma e do *sinthoma*, a posição do analista continuará a ser "fazer semblante do objeto", será o lugar a partir do qual poderá "contrapor" aquele desenfreado real. Como diz Lacan em *A Terceira*: “Não é de modo algum do analista que depende o advento do real. O analista tem por missão opor-se a ele”<sup>3</sup> e a partir daí fazer semblante de objeto.

Não é uma questão de época, o feroz mandato do supereu “Goza!” Ele sempre sabe deslizar-se, esgueirar-se por baixo da porta e vestir roupas novas. O analista fará semblante do objeto para colocar aquele gozo na cena da análise, para delimitá-lo, para tecer em torno do furo da castração, que não-todo gozo é possível, para separar o sujeito de qualquer ideal mortificante, para manter a validade que a nossa vida em sociedade exige do cumprimento dos pactos, nos antípodas do “salve-se quem puder”. Pois essa posição leva em sua ferocidade ao pior: gozo de um que afeta os outros, irrupção do apetite de gozo de cada um que se vê em toda a sociedade.

Afirmamos, então, que a análise é a aposta na construção de uma borda para os gozosos e infinitos deslizamentos pulsionais, por meio da tessitura de um "saber-fazer".

Sabe fazer ali com o quê?

\* \* \* \*

Em relação às bordas: quais são os lugares oferecidos ao desejo e ao sujeito? E qual é o lugar de nosso ato como psicanalistas?

---

<sup>1</sup> Jacques Lacan. *O Seminário- A angústia*. Livro 10 Aula 5 de dezembro 1962. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro 1981.

<sup>2</sup> [tradução livre] - Cf Jacques Lacan. *O Seminário- A angústia*. Livro 10. 1962. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro 1981

<sup>3</sup> Jacques Lacan. *A terceira*. Roma 1974. Tradução Analúcia Teixeira Ribeiro. Para circulação interna na *Escola Letra Freudiana*

Um novo cenário cidadão está se configurando, em termos de limites. Isso promove um conceito político urbano onde outros laços sociais se desenvolvem e, assim, pode ser criado um sujeito político particular: o sujeito isolado.

Isso se agrava nesta época de pandemia, sob o real do horror do vírus. No entanto, isso não deve nos deixar espectadores do que acontece ao outro em confinamento. A vida social não é apenas uma condenação dependente da semelhança, pois esta só levaria à comparação, deixando de fora o desejo de substituição e a rivalidade.

Nossa necessidade imperiosa dos pequenos outros não é essa, mas a eles devemos nossa existência de uma falta original singularizada. A dimensão do outro surge de forma penetrante neste tempo de isolamento. Da mesma forma, não ver a figura do outro não deve nos preocupar, pois sua presença física não garante que sua alteridade seja levada em consideração.

Segundo Hegel, alguém seria "o Mestre quando é reconhecido por alguém a quem ele não reconhece ... A atitude do Mestre é, portanto, um impasse existencial"<sup>4</sup>. E o outro tem que lidar com seu desejo intrinsecamente trágico, pois não obtém reconhecimento porque foi derrotado ou aquele obtido não tem valor porque provém de um perdedor. Portanto, toda reivindicação de reconhecimento parece ser uma luta.

Uma promessa maravilhosa, mas sinistra, é anunciada para nós. Um mundo estritamente biopolítico: disciplina, controle, avaliações médicas. O discurso universitário, com seus dispositivos seriados, colocaria o semblante de saber para essa nova distopia. No lugar da verdade desse semblante aparece o significante da ordem. Nosso real surge no impossível que oprime o sujeito, poderíamos no futuro imediato estar diante de uma das respostas do discurso do mestre.

Não é apenas que nossa prática de analistas se esgote em um jogo formal puro de elementos constitutivos em que apenas nos designamos. Pois, se assim fosse, seria apenas um pálido reflexo da chamada "realidade". Hoje se trata de colocar palavras e letras, onde os limites mostram sua heterogeneidade e impossibilidade de serem alcançados pela representação. O real não se homologa com a completude. Portanto, quando retorna, produz sintomas no sujeito e no social.

\* \* \* \*

### **Qual é a especificidade da psicanálise diante do Real que irrompe?**

Na penúltima CEG, em que foi escolhido este tema do nosso Colóquio, uma das ressonâncias, entre outras tantas que nos tocaram, foram as ondas migratórias no continente europeu e os fenômenos de segregação por elas anunciados, fenômeno por sua vez previsto por Lacan.

---

<sup>4</sup> cf Georg Wilhelm Friedrich Hegel. *Fenomenologia do espírito*. Cap IV. Dialética do Senhor e do Escravo. Editora Vozes; 9ª edição. 2014

Desde então, uma questão até então impensável foi levantada: o isolamento social como defesa frente a pandemia. Feito em maior ou menor grau, afirmado ou negado, o isolamento social, indubitavelmente, afetou os laços sociais entre os falantes de uma forma sem precedentes.

A psicanálise e a clínica psicanalítica não são alheias a esse problema.

A modalidade *online* de vínculo social não atingiu exclusivamente o *setting* analítico. Com Lacan já havíamos questionado a duração das sessões, mas nunca antes havia acontecido tal transformação em relação ao espaço onde elas transcorrem.

Embora possamos argumentar que o campo onde se realiza uma análise é o da fala e da linguagem, ainda assim, há algo novo em nosso horizonte e continuaremos a tratar disso por muito tempo ainda.

Ama-se, deseja-se, fode-se, estuda-se, constitui-se como sujeito, adoce-se e morre-se, em contato direto com um grupo muito pequeno de pessoas. Por vezes sozinho.

O inconsciente não está em confinamento, mas quais são os percalços nos deslocamentos do sujeito? Quais são as vicissitudes da pulsão no atravessamento ou deslocamento das bordas tecnológicas desconhecidas?

\*                      \*                      \*                      \*

Se pensamos a borda como defesa, seria o isolamento social uma borda ou uma defesa frente a pandemia? Pareceria que sim. Mais ainda, o que significaria dizer que o inconsciente não está em confinamento mas, escorregando em palavras que acalmam ou palavras que escapam, porém sem alcançar metáforas? Se trataria de *fazer-saber*, de um novo status do saber no S2 que representa a representação pulsional, de um novo uso da linguagem e da *lalangue* que soa e ressoa.

Sabemos por Freud e Lacan que o recalçado será o representante da representação, na representância da pulsão em questão. Em outras palavras, este será o S2, o saber possível ou crível a partir do qual um sujeito se constitui, equivale à noção de significante. Com isso, re-vela que o inconsciente não está em isolamento ou isolado porque a linguagem é sua condição.

A moção pulsional é uma unidade objetiva que não é consciente nem inconsciente. É um fragmento isolado da realidade que concebemos como tendo sua própria incidência de ação no inconsciente.

Esse representante da pulsão em questão pertencerá ao inconsciente quando a borda da pulsão procurar ser nomeada. Eros em ação equilibrando a Thanatos, como resultado da análise de uma outra localização ou de um deslocamento feliz, o que implica um sujeito do inconsciente. Um outro que vem do Outro do inconsciente, uma vez que cruzou a borda do sinistro exterior e o interior que se propõe a substituir. A representação da pulsão o torna significante? Isso o torna artesão? Como?

Se o analista observar a borda que desliza desde o afeto para a tradução subjetiva do *objeto a*, desse objeto de desejo da representância pulsional no fantasma que gramaticaliza a pulsão, o analisando saberá *fazer ali*, saber com o Real. Encontrará a

habilidade do *saber-ali-fazer* com aquela outra borda sintomática do furo que acaba de aparecer quando da substituição em seus efeitos no real.

Se se perder com teorias de época compartilhadas sobre quem sabe qual borda sociocultural representada pelo mesmo afeto, deixará o analisando sozinho com o gozo fálico. Com aquele gozo das palavras que enfeitam o cenário da borda chamada do “isolamento social”, encontrará a suposta defesa contra a pandemia. Procurará se “preservar” do contágio, trancado para “evitar” a morte ou brincará com ela no isolamento social de algumas “festas ou bordas clandestinas”.

Quando seus deslizamentos *fazem-saber* e constituem a heresia de sua vida, o lugar por onde deve *errar-se* aí R.S.I., com borda de que furos se enodará?

Não estamos falando aqui de fronteiras a cruzar ou litorais a imaginar, mas de furos tóricos que constituem e determinam a matéria a três – ou de três - da linguagem que determina um sujeito cada vez que as bordas deslizam. Na borda da consistência e da ex-istência, *fazer-saber* faz existir um sujeito que se move e se desloca, ainda enquanto que prisioneiro da pandemia. Isso não poderá obliterar sua condição subjetiva devido aos efeitos singulares do Real que ocorrerão em sua análise.

Diante da proliferação de objetos, ordens e conselhos com uma pretensão universal de como viver nestes tempos de pandemia, ali onde os cientistas parecem ter a ilusão de que tudo é possível, a topologia definida com o nó borromeano permite pensar em uma lógica do impossível.

Preso no congestionamento RSI, o *objeto a* torna-se operativo no Real como um furo.

Assistimos aos des-bordamentos, aos modos de gozo desenfreado, à ferocidade no laço social, às várias misérias, mas também a dor frente a morte, diante da perda de entes queridos, das perdas do que se construiu ao longo de muitos anos de trabalho e esforço; em suma, ao confinamento, à depressão, à melancolização.

Nessa atualidade sinistra, des-enfreada, a especificidade ou a particularidade da psicanálise na pólis propiciará no campo da fala uma trama, aí mesmo onde o real traumático desborda, uma oportunidade de leitura e invenção.